

O ESTADO DE SÃO PAULO
5.5.65.

Três mostras no MAM; Wega, Mussia, Camargo

RIO, maio — O grande acontecimento artístico da semana passada é devido a dois artistas de S. Paulo e um do Rio: Wega, Mussia Pinto Alves, as paulistas; Sergio de Camargo, o carioca. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro havia programado para quinta-feira as três inaugurações. Às 17 horas, Ugo Parpagnoli, diretor do Museu de Arte Moderna de Buenos Aires, fazia sua conferência com projeção de "slides" no MAM, sobre a nova pintura argentina, preparatória da exposição que Maccio, Deira, de la Vega e Noé vão fazer aqui em junho próximo. Uma hora depois, inauguravam-se as três exposições. Tantas manifestações puseram o museu em uma roda viva. Durante duas horas foi um fluir e refluir de visitantes, de artistas, de críticos, que assinalava bem o interesse despertado pelas três exposições.

A maior delas é a de Wega, que trouxe ao 4.º Centenário da cidade uma exposição de fases de sua pintura e de seu desenho, desde 1950 aos quadros deste ano, juntando a duas salas grandes uma pequena, que se pode dizer íntima, com quinze retratos, que dialogam de parede para parede. Ao todo, 108 desenhos e telas, com paisagens iniciais do Rio de Janeiro e de S. Paulo (Canindé, Freguesia do O'), e da última fase, três interpretações de Ouro Preto. Pela primeira vez a artista expõe seus quadros mais recentes, de fusão do abstrato e do figurativo, com "Dilma e Edmar na paisagem", "Zilda e Lucia, testemunhas", e ainda o seu poderoso auto-retrato, transfigurado, que foi aproveitado para o cartaz da exposição.

Críticos como Parpagnoli, Harry Laus, Quirino Campofiorito, José Roberto Teixeira Leite, artistas como Maria Martins, Kracjberg, Schaeffer, Benjamin Silva, Rachel Strosberg, Maria Helena, Bruno Giorgi, Eleonore Koch, e outros, prestigiaram com sua presença e sua admiração a exposição de Wega. Entre os visitantes destacados, cabe registrar a presença demorada do ministro do Planejamento, sr. Roberto de Oliveira Campos, dos ministros Carlos Mariz e do embaixador Boullitreau Fragoso, da sra. Nyovasco Mariz e do embaixador

ta, e em que, a certo ponto, a madeira que sustenta o desenho ostenta também a sua rugosidade bruta, não trabalhada, mas aproveitada. Voltaremos a examinar esta escultura. A nota que aqui vai é apenas uma

notícia para informar sobre o trabalho de Sergio de Camargo, que despertou na Inglaterra o maior interesse. E a Inglaterra é um país onde se cultiva a escultura mesmo. Sergio de Camargo venceu lá. — G. F.

A exposição de joias de Mussia Pinto Alves causou também interesse incomum, pela originalidade do emprego dos fios de cobre, prata e níquel, empregados como matéria. Daí, a artista parte para um desenho fantástico, que não esquece a função decorativa da joia, antes a acentua e a recria, com bom gosto e, não obstante dar-lhe consistência, estabelecendo uma leveza notável.

Sergio de Camargo trouxe de Londres para o MAM seus últimos trabalhos. Ele faz esculturas com pequenos cubos ou roletos de madeira, recortados e juntados, numa determinada ordem ou numa arbitrária orquestração, em blocos ajustados, monumentalmente, não obstante o pequeno formato, e ainda em quadros, que funcionam na parede, como relevos. Não se trata de uma invasão da escultura no domínio da pintura, mas de uma formulação de pequenos relevos ou grandes (os cubos ou os roletos cortados são de um centímetro quadrado até 15 cent., medidas que damos não como informação rígida, mas flexível, a fim de que se tenha idéia aproximada da proporção).

O efeito é obtido pelo jogo de luz, pelas refrações através daqueles módulos brancos (quase toda a madeira empregada é recoberta de esmalte branco), havendo algumas experiências de cor, que o artista parece não ter apreciado. De toda a forma, há nesses conjuntos uma intenção clara de formular na superfície o desenho abstrato. Mas, há esculturas, notavelmente estabelecidas, como o modelo n.º 39, em que todos os lados foram tratados pelo artis-

CORREIO DA MANHÃ

2.º Caderno

ITINERÁRIO D

A renovação da moderna essa ambição duramente ca-
tos anos, vai sendo aos pou-
como um movimento, como
quitetura, a gravura e, num
pintura, mas através de perso-
isoladas, cujos exemplos ma-
de Lígia Clark e, mais re-
de Camargo. Dois escultores
com clareza as virtudes da
mento poético que caracteriz-
além dos casos isolados e ou-
mais antigos, preocupados com
processo de renovação que ini-
vamos encontrar um grupo de
nente e tensa profundidade
frente ao universo desconhec-
experiências vencidas às quais
da podem acrescentar. Não são
corajosos e decididos a penet-
giões psíquicas e com total lib-
próprios mitos e suas próprias